



LIVRO 19 - FÁBULAS DO JEITO QUE SÓ VOVÔ SABIA CONTAR!

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sínope:

O livro conta a história de Cacá e o dia em que parou para olhar e ouvir o seu avô e descobrir verdadeiros tesouros de valores e histórias resgatadas do seu rico passado. A partir deste momento, nasceu uma nova relação de amizade e amor entre ambos, através de um novo e mágico conhecimento da alma e sentimentos humanos. Revivendo o seu passado, sua história profissional e as fábulas que costumava contar para sua filha, mãe de Cacá, quando ainda uma criança, o avô de Cacá revive no neto a sua infância e rejuvenesce em sua velhice. Cacá aprende muito com as lições e o moral das histórias contidas nas fábulas que seu avô contava.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Olá! Eu sou o Carlos. Minha família me chama de Carlinhos e meus amigos de Cacá.

Moro com meu pai Marcelo, minha mãe Adriana, minha irmã Tatiana e meu avô Eduardo.

Moramos em casa térrea com grandes varandas e um grande quintal.

Aos dez anos de idade eu noto que meus pais olham orgulhosos o meu crescimento. E minha irmã me elogia dizendo que eu estou ficando um gato.

Que bom! Eu adoro gatos e os acho lindos.

Eu sempre olhei minha mãe, meu pai, minha irmã e meu avô do jeito que eles são. Assim, eu achava que eles sempre tiveram a idade que eles têm hoje.

Eu nunca tinha pensado que todos eles já foram crianças um dia, cresceram, casaram, tiveram filhos e que estão envelhecendo.

Nós crianças vivemos o momento presente com nossas brincadeiras, estudos e nossos amigos. Geralmente, nós não prestamos muita atenção na vida dos adultos.

Mas, eu mudei! Agora eu presto atenção na rotina de um dia de meus pais, da minha irmã e de meu avô. E descobri que esta rotina é muito parecida com a do dia anterior.

Meu pai sai apressado todos os dias, engolindo o café da manhã, sempre dizendo que um trânsito infernal e um Chefe carrasco o esperam.

- Tchau, pessoal! Deixe-me enfrentar este trânsito infernal e ver como está a cara do meu Chefe hoje!

Quando meu pai volta do trabalho cansado ele tira o seu terno e gravata e veste uma roupa mais confortável. Em seguida, dá uma volta pelo quintal para ver suas plantas e flores. Ele dá alguns biscoitos para os cachorros. Ele me pega no colo levantando-me para o alto e me beija. Em seguida, ele vai para o seu computador abrir os seus e-mails. Após o banho, ele lê os seus jornais, assiste um pouco de televisão e vai dormir.

Todos os dias do meu pai são assim.

Minha mãe também tem sua rotina. Ela cuida da casa e das compras, toma minha lição e me leva e traz para todos os lugares que eu preciso ir.

Algumas vezes ela está contente, outras vezes está batendo panelas ou gritando, nervosa com os seus compromissos, dizendo:

- Ninguém valoriza o trabalho da dona de casa!

Às vezes, vai ao shopping, paga um monte de contas, vai ao cabeleireiro e manicura e, o que é pior, me toma a lição da escola.

Há outro personagem em minha casa, o meu avô, que igualmente mantém sua rotina.

Levanta-se bem cedo, procurando não fazer barulho para não acordar ou incomodar as pessoas, Ele prepara o café, toma uma caneca de café, come um pão amanhecido e sai para dar uma volta no quintal.

Em seus passos muito lentos e cuidadosos, ele percorre por várias vezes todo o quintal, planta por planta. Depois, ele pega um pouco de quirera de milho, banana e mamão para colocar em um lugar que ele escolheu no quintal para alimentação dos pássaros, perto da varanda.

Em seguida, ele senta em um banco de madeira na varanda e fica por quase duas horas observando os pássaros comerem. Ele fica quieto, com seu chapéu amassado encobrendo a testa, permanecendo imóvel. Depois, vai a uma pequena oficina no fundo do quintal, onde se distrai construindo alguma coisa ou consertando coisas da casa, como os meus brinquedos.

Após o almoço, ele dorme por uma hora e meia. Ao acordar, pega uma sacola com os seus remédios, separa os que têm que tomar. De vez em quando, pede para o meu pai ler a bula, a mesma bula que o meu pai leu para ele no dia anterior. Acho que ele se esquece de que já pediu ao meu pai para ler as bulas de seus remédios e pede de novo. Talvez, quem sabe, ele quer chamar a atenção de meu pai.

Todo dia é esta a rotina de todos eles, exceção feita para minha irmã. Minha irmã tem uma rotina diferente todos os dias. E minha mãe diz que minha irmã a está deixando louca. Mas, eu nunca entendi bem isto. Eu acho minha irmã muito divertida e animada!

Esta rotina é quebrada um pouco aos finais de semana, quando a família procura um lugar para passear.

Mas, mesmo assim, uma série de coisas acontece como rotina. Meu pai quer ir para um lugar e minha mãe quer ir para outro lugar. Geralmente, nós vamos para o lugar aonde minha mãe quer ir. Meu avô gostaria de ficar em casa e não ir a lugar nenhum, mas tem que acompanhar a família, porque não pode ficar sozinho. Minha irmã só aceita ir se ela puder levar várias amigas.

Eu me divirto muito com esta situação e, quando converso com os meus amigos, vejo que na casa deles não é muito diferente. Mas houve um dia mágico em minha vida que eu conheci vovô.

- Mas, como assim? Vocês poderão perguntar.
- O seu avô não mora com vocês? Você já não o conhecia?

Realmente, mora com a gente há muitos anos. Mas, eu não conhecia vovô. Fui acostumado a ver aquele velhinho quieto, de passos lentos, olhos serenos, calmo e paciente, em sua rotina diária. Mas, eu não conhecia vovô, até que um dia...

Vovô estava na oficina, concentrado em consertar o pé de uma cadeira quebrado. Ele procurava fazer um trabalho bem feito e sem pressa. Ele tinha duas preocupações - agradar minha mãe com um conserto de boa qualidade e matar o tempo até a hora do almoço.

Aproximei-me, fiquei olhando para ele observando sua concentração, sua dificuldade em levantar a cadeira pelo peso. Entretanto, pude ver que ele fazia aquilo com um semblante de grande responsabilidade. Ele sempre foi um homem sério e de responsabilidade.

Em certo momento, ele colocou sua mão sobre a minha que estava em cima da bancada de madeira. Foi uma forma de me dar as boas vindas e carinho. Olhei para ele com ternura, agradecendo com um sorriso e voltei meus olhos para a sua mão.

Pude então me concentrar em sua mão por um momento e quanta coisa ela me revelou. Eram mãos fortes, pele escurecida e envelhecida, enrugada, com muitas manchas escuras, unhas grandes e quebradiças. Em seguida olhei para a minha mão.

- Vovô já deve ter tido a minha idade! Conclui brilhantemente.

- E as suas mãos já foram como as minhas! Eu aprendi.

A manhã era de chuvisco e estava um pouco frio e eu procurei explorar melhor este contato com meu avô, perguntando-lhe:

- Vô, quantos anos o senhor tem?

- Eu? 81 anos!

- Puxa, 81 anos! E onde o senhor nasceu? Continuei perguntando.

- Nasci em Campo Grande, no Rio de Janeiro, mas vim para São Paulo ainda criança, quando eu tinha cinco anos de idade.

- O senhor teve irmãos? Perguntei.

- Sim, éramos três irmãos. Um deles já faleceu e outro mora em Porto Alegre. Não nos vemos há muitos anos.

- Mas, por que vô? Eu quis saber.

- Perdemos o contato. Isto acontece muitas vezes. Cada um tem sua vida, se casa, tem os seus próprios filhos, os seus problemas e cada um corre atrás de seu destino. Eu não culpo ninguém disto. É a vida. Um dia isto também vai acontecer com você.

- Eu nunca vou deixar de ver o senhor! Eu afirmei.

- Vamos ver, vamos ver... Você acha que a cadeira está ficando boa, sua mãe será que vai gostar?

- Com certeza, o pé da cadeira está muito bem colocado, não vai quebrar mais. Eu respondi.

O pé da cadeira estava um pouco torto, mas achei melhor não falar nada para não magoar vovô. Afinal de contas, ele usava óculos e estava precisando voltar ao oftalmologista. Mas, ele sempre dava um jeito de não encontrar tempo...

E procurava saber mais da vida de vovô:

- Vovô, o senhor trabalhava como marceneiro? O senhor fazia armários, móveis?

- Marceneiro, eu? Quem me dera! Eu fui Advogado. Mas, sempre gostei de trabalhar com madeiras e com plantas como passatempo.

- E por que o senhor deixou de trabalhar? O senhor gosta mais de consertar cadeiras e cuidar do jardim? Continuei insistindo.

- Tudo tem o seu tempo. Quando ficamos velhos, as empresas nos aposentam e procuram trabalhar com pessoas mais jovens.

Ao falar isto, vovô parou o que estava fazendo e ficou pensativo, com um semblante triste. Mas, ele se animou, dizendo:

- Carlinhos! Agora vamos mostrar a cadeira consertada para sua mãe. Você me ajuda com ela?

Eu segurei nos dois pés da cadeira e meu avô no encosto e lá fomos nós dois, unidos, em direção à sala de jantar. Meu avô seguia com seus passos lentos e com a respiração ofegante pelo esforço. Ele parava de vez em quando para respirar, dando um discreto sorriso de satisfação para mim, agradecendo minha ajuda. O seu rosto estava pálido.

- Por que a gente tem que ficar velho? Pensei.

Enquanto vovô recuperava o fôlego, perguntei:

- Mas, o que faz um Advo..., o que?

- Advogado Carlinhos. O advogado estuda as leis brasileiras para defender os direitos das pessoas e das empresas perante os tribunais e os juízes.

E eu desabafei:

- É, parece que ser marceneiro e jardineiro é muito mais divertido!

- Você não tenha a menor dúvida disto, Carlinhos!

Assim, prosseguimos na caminhada levando a cadeira consertada para minha mãe. E ela gostou:

- A cadeira ficou ótima, pai! Que bom! Muito obrigada!

Minha mãe sempre procurava dar alguma coisa para o meu avô fazer. Ela pedia para ele consertar objetos em casa. Ela pedia para ele ir à padaria ou açougue comprar alguma coisa. E vovô recebia estas incumbências com muita alegria.

E ela me explicava:

- Carlinhos, seu avô foi um homem muito ativo. Ele não consegue ficar parado, ele tem que sentir que ainda é útil e que está sempre ajudando.

E minha mãe esclareceu a tristeza que meu avô sentia:

- Era no trabalho que ele procurava esquecer a falta de minha mãe, que faleceu. Ela era sua avó que você somente conheceu nos retratos. Ele não conseguia se imaginar parado, sem sua avó como companheira.
- Ah, entendi. Coitado do vovô! Eu disse, lamentando.

À tarde, depois que vovô tirou o seu costumeiro soninho após o almoço, voltei a procurá-lo e fomos junto à padaria para comprar pão para o café da tarde. Enquanto caminhava, pensava em quantas coisas eu havia aprendido sobre vovô. Mas, eu continuava com minha bateria de perguntas. E vovô respondia com grande responsabilidade!

- Vô, o senhor gostava de ler livros com histórias infantis quando era criança?
- Ah, eu vivi em uma época muito diferente da sua. No meu tempo não havia literatura infanto-juvenil como se tem hoje, em abundância. Pelo menos não havia para mim! Assim, as histórias infantis que eu lia eram as fábulas!
- Fábula, vovô. O que é uma fábula? Eu insisti.
- Você nunca leu ou ouviu uma fábula, Cacá?
- Que eu me lembre de alguma, não vô!

E vovô explicou para mim o que é uma fábula:

- Fábula, Carlinhos, são histórias cujos personagens são, geralmente, animais, mas com comportamento humano, como a fala, os costumes e o comportamento. Estes personagens desenvolvem diálogos que terminam com uma lição de moral, o chamado moral da história, que tem o objetivo de educar. Assim, os animais nas fábulas tornam-se exemplos para a criança. Cada animal na fábula representa uma qualidade do ser humano, como, por exemplo: o leão representa a força, a raposa a astúcia, a formiga o trabalho. Os temas são os mais variados, tais como: a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia, da vitória da humildade sobre a arrogância.

- Mas, vô! As fábulas não são iguais aos livros infantis que eu leio?

- Não, exatamente, Carlinhos! Os livros infanto-juvenis de hoje podem transmitir ou não uma lição de moral. Mas, geralmente, eles são apenas leituras para diversão das crianças e exercício de leitura. As fábulas tinham sempre um objetivo de ensinar alguma lição de vida!

E meu avô continuou em sua explicação:

- As fábulas são histórias muito curtas, onde os animais sentem, agem e pensam como seres humanos. Elas procuram expressar uma norma de conduta e de comportamento que nós humanos deveríamos seguir. Elas são educativas sempre. Mas, nem sempre, são divertidas. As fábulas, muitas vezes, são até trágicas. Enfim, a fábula contém uma lição de moral e é muito útil para a educação de nossas crianças.

- Mas, vô! As crianças de hoje gostam de ler fábulas como no seu tempo?

- Carlinhos, receio que não. Eu diria que até que elas gostam. Mas, não se divulga muito a fábula como se divulgava no meu tempo. Os pais contam histórias para as crianças, mas, raramente, contam fábulas! Disse vovô.

- Vô, será que as fábulas são importantes hoje como eram no seu tempo de criança?

- Carlinhos, eu não tenho a menor dúvida sobre isto! As fábulas ajudam na busca do conhecimento e do amadurecimento da criança. As fábulas ajudam a criança a lidar com o presente, preparando-as para

enfrentar a vida quando passarem para a vida adulta e entrar no mundo real.

- Vô, quem escreveu as fábulas?
- As fábulas existem há muito séculos atrás, mesmo antes do nascimento de Jesus! E vários autores escreveram fábulas. Entre eles, o mais conhecido foi Esopo.
- Esopo, vô? Mas, que nome estranho!
- Esopo foi um grande e famoso escritor que viveu na Grécia Antiga e ele é considerado o pai das fábulas. Não se tem informações precisas sobre a vida de Esopo e nem quanto à origem de suas fábulas. Esopo teria nascido no ano 620 a.C. Mas, o certo é que suas fábulas se espalharam por todo o mundo, em muitas línguas e países. A intenção de Esopo era mostrar em suas fábulas como os seres humanos podiam agir para o bem ou para o mal.
- Vô! Quem mais escreveu fábulas que o senhor leu quando era criança?
- Carlinhos, outro grande autor de fábulas foi La Fontaine. Jean de La Fontaine nasceu em 1621 e viveu até 1695. Ele era um francês autor de contos, poemas, máximas. Mas, foi recontando fábulas que ele ganhou fama mundial. La Fontaine resgatou fábulas de Esopo e do romano Fedro. La Fontaine tornou mais atuais as fábulas de Esopo, dando-lhes um tempero de fina ironia e, também, criou suas próprias fábulas.
- Que legal, vô! Como é bom a gente saber os nomes e um pouco da vida daqueles que escreveram histórias para as crianças!

Na volta da padaria, eu e o vovô sentamos em um banco de uma pequena praça e continuamos nossa conversa.

- Vô, conta para mim uma fábula qualquer! Só para eu ver como é!
- Carlinhos, eu tenho um caderno com as fábulas que eu contava para a sua mãe quando ela era criança. Mas, deixe-me ver se eu me lembro de alguma.

Vovô franziu a testa, ficou pensando alguns minutos, enquanto descansava um pouco sentado no banco.

De repente, me avô disse:

- Lembrei-me de uma. A do ladrão e o cão de guarda!

E vovô começou a contar esta fábula, que para mim era desconhecida:

Um ladrão, desejando entrar à noite numa casa para roubá-la, deparou-se com um cão de guarda. O cão parecia ser bravo e começou a latir sem parar, rosando, mostrando os dentes para o ladrão. Com medo de ser atacado pelo cão, o ladrão não entrou na casa.

Mas, o ladrão não desistiu e pensou:

- *Se eu jogar um pedaço de pão para este cão ele vai ficar quieto e me deixar entrar!*

Pensando assim, o ladrão jogou um apetitoso pedaço de pão para o cachorro, dizendo:

- *Coma, cãozinho lindo, este pedaço de pão. Eu quero ser o seu amigo!*

O cachorro cheirou o pão e deu uma volta em torno do pedaço de pão. O ladrão teve a impressão que o cão iria comer o pão e ficar seu amigo.

Mas, o cão surpreendeu o ladrão, dizendo:

- *Eu sei muito bem que você está me dando este pedaço de pão para eu parar de latir e rosar e deixe você entrar na casa para roubar. Mas, eu sei que você não está fazendo isto porque gosta de mim. O dono da casa é quem me sustenta todos os dias e gosta de mim de verdade. Assim, não vou parar de latir e rosar enquanto você não for embora. E se você pular o muro, eu vou morder você e você vai ficar muito machucado. E meu dono já deve estar ouvindo os meus latidos e acordando. Quando vir você ele vai chamar a polícia! Eu não vou trair o meu dono nunca. Muito menos por um pedaço de pão. Não quero que este pedaço de pão me custe morrer de fome o resto da vida nas ruas!*

- Que legal, vovô! É como o senhor disse. É uma história curtiinha!

- Mas, faltou o moral da história! Cacá, o que você entendeu como lição de vida nesta fábula?

- Ah, vô! Eu achei que o cão gostava muito de seu dono e não deixaria de ser fiel ao dono por causa de um pedaço de pão jogado por um ladrão!

- Carlinhos, esta é uma das lições. Mas, nas fábulas, o moral da história é um pouco mais detalhado. No caso, o moral da história é o seguinte - Quem confia em palavras de elogios ou ofertas, no final pode ser enganado. Mas, quem suspeita das ofertas suspeitas e das palavras de falsos e exagerados elogios, não se deixa enganar nunca.

- Nossa, vô! Gostei! Conta mais uma!

Eu percebi como os olhos de vovô brilhavam e o seu rosto se irradiava de alegria contando esta fábula para mim. E não vimos o tempo passar.

Eu escutava a fábula com muita atenção e notei que meu avô estava com um olhar de encantamento, como se ele estivesse se transportando para um passado longínquo.

As histórias de vovô foram interrompidas com a presença de minha mãe. Ela já estava assustada com tanta demora.

- Eu preocupada com vocês e vocês conversando até esta hora na praça! Disse mamãe fazendo um ar de zangada.

Meu avô ficou muito embaraçado e se apressou em pegar o saquinho com os pães e se pôr em marcha de volta para casa. Esta tarde o café saiu quase ao escurecer.

- Vô, o senhor me conta mais fábulas outro dia?

- Está bem, eu conto. Mas, dentro de casa senão sua mãe vai ficar brava comigo!

À noite, enquanto eu jogava jogos eletrônicos em meu computador, eu pensava nas explicações do vovô sobre as fábulas e na fábula do ladrão e do cão de guarda que ele contou.

E eu pensava:

- Nossa! Vendo hoje meu avô tão sério e envelhecido, como podia imaginar que ele contava fábulas para minha mãe quando ela era criança e que ele tinha um caderno com todas as fábulas que ele sabia contar!

Eu comecei a ficar um grude de meu avô e assim que voltava da escola procurava por ele.

- Oi vô, que está fazendo?

- Agora, exatamente nada! É hora de meu soninho da tarde! Disse ele.

Abraçava-o e lhe dava um beijo no rosto. Enquanto ele ia para o seu soninho da tarde, eu seguia para o meu quarto fazer a lição de casa.

De vez em quando, vovô se aproximava de mim quando eu estava fazendo a lição ou lendo um livro solicitado pela professora.

Um dia eu perguntei para ele:

- Ai, vô! Por que a gente tem que estudar tanto? Eu não gosto de ler livros, demora muito!

- Carlinhos, não há outra forma de vencer na vida e apreciar as verdadeiras belezas da natureza sem o conhecimento. Estudar é preciso. Para muitas crianças não é gostoso, mas é preciso, é como um trabalho, uma obrigação. O conhecimento vai lhe abrir portas para muitas descobertas e sucesso na vida. Brinque o quanto puder, mas não deixe de reservar algumas horas por dia para estudar, estudar muito. E nunca mais fale assim de livros. Os livros podem transportá-lo para o mundo da realidade e o mundo da fantasia. Pode levá-lo a grandes aventuras, com as cores e os heróis que você mesmo vai criar em sua imaginação. O livro é saber, saber é conhecer, conhecer é aprender viver e vencer.

E eu questionava:

- Mas, quando o senhor era criança o senhor tinha que estudar muito e ler muitos livros?

- Carlinhos, o ensino era diferente. Hoje está até mais fácil e modernizado. Não se aprende ler e escrever mais pelo B, A, BA. Existe muito mais recurso. Mas, no geral, tinha que se estudar muito também.

Ler livros não era muito comum porque não havia muita literatura infanto-juvenil. Mas eu gostava de ler. Comecei a pegar gosto pela leitura depois que recebi no curso primário os livrinhos com as histórias do Jeca Tatu do escritor Monteiro Lobato. Eram histórias que contavam a vida de um caipira chamado Jeca Tatu e como ele poderia prevenir doenças, ficar mais forte, trabalhar melhor e vencer na vida.

Meu avô passou a mão na minha cabeça em sinal de carinho e saiu do meu quarto. Lembrando-me de suas palavras, eu voltei à leitura do meu livro com um pouco mais de entusiasmo.

Eu sentia que minhas relações com vovô estavam indo muito bem. Ele começou a querer falar mais sobre sua vida e eu aprendia com muitas coisas que ele falava. Em casa, ele passou a ser, além do avô, um grande amigo meu.

- Vô, quando o senhor vai me contar mais algumas fábulas! Eu perguntei.

- Carlinhos, vamos combinar o seguinte: esta noite, antes de você dormir, eu vou contar para você três fábulas. Está bem assim?

- Nossa! Legal! Está combinado!

E, assim, eu passei a tarde inteira ocupado com minhas lições e meus estudos, mas fiquei na expectativa de ouvir as fábulas de meu avô! A noite chegou, mas vovô demorava em vir. Pensei:

- Será que ele se esqueceu do nosso compromisso?

Mas, logo ouvi o barulho de passos lentos vindo na direção de meu quarto. Era vovô! E trazia nas mãos o seu caderno de fábulas. Eu me acomodei no meu travesseiro e me preparei para ouvi-lo.

- Carlinhos, você ainda quer ouvir as fábulas ou está com sono? Perguntou vovô.

- Quero ouvir sim! Estou pronto!

- Vô, por que o senhor escreveu as fábulas neste caderno?

- Carlinhos, as fábulas nos seus textos originais têm uma redação um pouco mais difícil para as crianças entenderem. Assim, eu simplifiquei os textos originais para poder contar as fábulas para sua mãe, quando ela era criança. Mas, eu mantive integralmente a ideia original da fábula e o moral da história.

- Entendi, vô! O senhor contava as fábulas do seu jeito!

- É, Carlinhos. Digamos que sim!

E vovô começou a contar as três fábulas daquela noite:

- Esta é a fábula do rato da cidade e do rato do campo:

Um rato que morava na cidade, em uma visita a uma fazenda, foi convidado para jantar por outro rato que lá morava no campo.

O rato do campo levou o rato da cidade para a sua toca e preparou a refeição com ervas, raízes, sementes e frutas que achava no campo.

E o rato da cidade disse ao rato do campo:

- *Compadre, eu agora fiquei com pena de você e da pobreza em que você vive aqui no campo! Vem comigo morar na cidade e você verá a riqueza e a fartura que poderás desfrutar lá!*

O rato do campo aceitou o convite e lá foram ambos para uma casa grande e rica na cidade. Eles entraram na cozinha e começaram a comer comidas deliciosas e com grande fatura. Mas, de repente, entrou o dono da casa com dois gatos o acompanhando.

Assustados, os dois ratos correram cada um para seu lado. O rato da cidade achou logo o seu buraco e o rato do campo subiu em um armário, dizendo:

- *Amigo da cidade, é melhor você ficar com a tua fartura. Eu vou voltar para o campo e comer as minhas ervas, raízes, semente e frutas. Pelo menos, no campo onde moro não há gatos, nem ratoeiras e posso viver em paz e não com sobressaltos como você vive aqui na cidade!*

É como diz o ditado: mais vale um rato magro no mato do que um rato gordo na boca do gato.

O que podemos aprender de lição nesta fábula, Carlinhos? Esta é a moral da história – o estado de pobreza é, muitas vezes, mais calmo e seguro. Os que trabalham procurando mais riquezas correm mais riscos.

Carlinhos, com os olhos bem abertos demonstrando interesse e atenção, disse:

- É verdade, não vô? E isto fica bem mostrado nesta fábula. Gostei! Conta mais uma!

- Vou contar, agora, a fábula do cavalo e o burro!

Um cavalo, pertencente a um rico senhor, vivia ricamente enfeitado de seda e ouro de muito valor. Um dia, o cavalo encontrou no caminho um burro carregado e disse-lhe cheio de arrogância:

- *Oh animal grosseiro! Por que não sai do caminho e abre espaço para eu poder passar?*

O pobre burro calou-se e suportou a ofensa.

Alguns dias depois, o cavalo torceu uma pata e começou a mancar. O seu rico dono, vendo que não poderia mais usá-lo para cavalgar, retirou-lhe por isso os ricos arreios e todos os enfeites. Em seguida, colocou em seu lombo uma sela simples, feita de estopa e cheia de palha, para o cavalo servir como animal de carga.

Então, o burro encontrou o cavalo carregado de esterco e disse-lhe:

- *Aonde vai, irmão? Onde está a tua soberba? Por que você não pede agora para que eu me afaste para você poder passar, como fez há algum tempo atrás?*

Moral da história: Ninguém deve desprezar os humildes e pobres por estar em uma situação melhor porque, um dia, a sorte e a posição social podem mudar. E, quando isto acontece, a soberba e arrogância do passado dão lugar à vergonha e a humilhação no presente.

- Gostei! Vô, na escola tem um menino muito rico e ele age exatamente assim como o cavalo da fábula. Ele diz o tempo todo que é rico, que seu pai pode comprar tudo o que ele quer e ele quer ter um tratamento diferente na escola em tudo!

- Pois é, Carlinhos! Este seu amiguinho deveria ler esta fábula e aprender que não se deve desprezar ninguém por ser mais rico! E deveria entender que ele está na escola em iguais condições de todos os outros alunos! Quer ouvir mais uma fábula ou já está com sono?

- Não, vô. Não estou com sono, não. Conte mais uma fábula!

- Está bem, mas esta é a última desta noite. Senão, você vai acordar tarde para ir à escola!

- Esta fábula é muito conhecida. É a fábula da formiga e da cigarra.

A formiga e suas amigas trabalharam duramente durante o verão, colhendo sementes e folhas que armazenavam no formigueiro.

As formigas sabiam que o inverno era rigoroso e elas não podiam sair para colher as sementes e folhas. Por isso, tinham que ter o formigueiro abastecido desta preciosa comida.

Um pouco antes de começar o inverno, as formigas espalharam sementes de trigo para secar ao sol, antes de levá-las de volta ao formigueiro.

Neste momento, uma cigarra esfomeada pediu às formigas que lhe dessem um pouco de sementes de trigo para comer.

Mas, a líder das formigas respondeu sem precisar pensar muito:

- *Minha amiga! O que você fez durante o verão todo enquanto nós formigas trabalhávamos muito?*

- *Bem, eu andava cantando pelos bosques! Respondeu a cigarra.*

Por isso, a cigarra não encontrou tempo para armazenar sua comida para o rigoroso inverno.

E a líder da formiga, então, respondeu:

- *Pois se você cantava no verão, dança agora no inverno!*

As formigas recolheram outra vez o trigo ao formigueiro e riram da preguiça e imprevidência da cigarra.

- *Cigarra! Aprenda a trabalhar a tempo para que, depois, não lhe falte o sustento! Disse a líder da formiga. E fechou o formigueiro.*

O frio já era sentido, principalmente ao entardecer. Com fome e frio, a cigarra não tinha esperanças de sobreviver.

Moral da história: É importante que o homem se espelhe na formiga para ser trabalhador, cuidadoso e providente. Portanto, esta fábula mostra que devemos ser como a formiga e que não devemos confiar no que outras pessoas possam nos dar ou emprestar. Diz que uma pessoa tem razão em negar tudo a outra pessoa preguiçosa se ela, como fez a cigarra, só se dedicou aos prazeres da vida e aos passatempos. Ensina que trabalhar e guardar é o caminho certo para não depender de ninguém.

- *Vô! Mas, eu fiquei com dó da cigarra! Eu acho que a formiga foi muito egoísta!*

- *Carlinhos, eu tenho um complemento desta fábula, dando outro final. Talvez, você goste mais deste final!*

Entretanto, a abelha-rainha, que a tudo assistia, interferiu:

- *Querida cigarra! A lição das formigas deve ser seguida. Mas, acho que elas foram muito egoístas. Você pode se servir do mel da minha colmeia o quanto quiser durante o inverno!*

- *Posso mesmo? Quis confirmar a cigarra.*

- *Sim, como Rainha da Colmeia eu estou lhe autorizando!*

- *Mas, por que faz isto majestade? Indagou a cigarra.*

- *Por uma razão muito simples. Você foi criada desta forma pela Mãe Natureza. É a sua missão cantar para alegrar a todos durante o verão. Nós abelhas trabalhamos igual ou até mais do que as formigas. Mas, enquanto trabalhávamos, nós ouvíamos o seu canto. E o seu canto nos alegrava e nos dava ânimo para continuar com o nosso trabalho! Assim, nada mais justo que, agora, lhe retribuamos dando-lhe um pouco de mel que nenhuma falta nos fará!*

A cigarra beijou a mão da abelha-rainha em agradecimento e voou depressa para a colmeia para saborear um pouco do doce mel.

Se as formigas deixaram uma lição, a abelha-rainha deixou outra lição muito importante - respeitar todos os seres criados pela Mãe-Natureza

como eles são, além da importância de saber reconhecer e retribuir um benefício recebido de outros.

- E agora, Carlinhos? Você fica mais do lado da formiga ou da abelha-rainha nesta fábula?

- Está difícil, não vô? Mas, eu fico mais do lado da abelha-rainha!

- E o senhor, vovô? De que lado o senhor fica? Da formiga ou da cigarra?

Meu avô olhou fundo em meus olhos, pensou um pouco e respondeu:

- Eu fico do lado da formiga!

- Da formiga, vô? Mas, coitada da cigarra!

- Carlinhos, você se lembra de quando falamos que as fábulas são histórias muito curtas, onde os animais sentem, agem e pensam como seres humanos? Elas procuram expressar uma norma de conduta e de comportamento que nós humanos deveríamos seguir.

- Ah, vô. Eu não estou conseguindo entender muito bem isto. Continuo com dó da cigarra!

- Carlinhos, vamos colocar desta forma: o que você acharia de um homem vagabundo, que não gosta de trabalhar e que vive com seu violão tocando de bar em bar e, quando este homem precisa de dinheiro para atender suas necessidades pessoais, bate na porta de sua casa e pede dinheiro para o seu pai, um dinheiro que seu pai ganhou com muito esforço?

- Ah, eu não acharia certo não! Eu vejo o sacrifício que meu pai faz todos os dias para trabalhar e ganhar dinheiro!

- Então, Carlinhos. Na fábula este homem seria a cigarra! Entendeu agora? Esta foi o moral da história!

Nós dois rimos, vovô se retirou, apagou a luz e eu tratei de dormir porque um novo dia de aula me esperava na manhã seguinte! Mas, confesso que eu ainda fui dormir pensando no sofrimento da cigarra! E gostei da atitude da abelha-rainha.

Meu avô era, definitivamente, um grande contador de história!

Até hoje eu me lembro de uma história de meu avô contou, comparando a gente com uma árvore. Foi muito interessante e, a partir daquele dia, nunca mais consegui olhar para uma árvore sem deixar de me lembrar nesta história. Querem ouvi-la?

Meu avô, como fazia de vez em quando, estava podando alguns galhos de hibisco vermelho, uma florzinha muita apreciada pelos beija-flores pelo néctar que produz.

Como sempre, eu interrompi o que ele fazia com minhas perguntas:

- Vô, por que o senhor gosta tanto de árvores?
- É porque árvores não fazem perguntas!
- Ah, vô! Magoei! Respondi, fingindo que não gostei.
- Estou brincando com você Carlinhos. Gosto das árvores porque elas são as nossas irmãs.
- Irmãs, como assim? Perguntei curioso.
- Elas são nossas irmãs, sim. E não estou me referindo apenas porque elas nos fazem companhia, nos fazem bem, purificam nosso ar, dão frescor à nossa casa, embelezam nossas vidas com suas flores e cores, exalam o perfume de suas flores, nos dão saborosos frutos. Na verdade, as árvores se parecem muito conosco!
- Mas vô eu não estou entendendo nada. O senhor quer dizer que as árvores se parecem com a gente? Perguntei, duvidando.
- É verdade, sim. Vamos falar destas nossas irmãs árvores. Veja este abacateiro do quintal. Vamos compará-lo com a gente.
- As suas raízes são como os nossos intestinos. Elas retiram da terra a água e os nutrientes que o abacateiro precisa, depositando estes nutrientes na seiva. Os nossos intestinos retiram os nutrientes dos alimentos e os depositam no sangue.

- A seiva da planta corre pela casca e é distribuída a todas as partes da árvore dando a cada célula vegetal água e nutriente que precisa. O nosso sangue corre por todo o corpo dando a cada célula orgânica a água e os nutrientes que precisamos.

- A casca do abacateiro é como nossa pele. Se você tirar um pedaço forma uma ferida e esta se cicatriza. A pele humana é a mesma coisa. Quando nos machucamos forma uma ferida e esta se cicatriza com o tempo.

- O abacateiro respira através das folhas e nós os humanos respiramos através dos pulmões.

- O abacateiro gera flores uma vez por ano e nossas mães geram óvulos uma vez por mês. Quando a flor do abacateiro recebe o pólen de outra flor de abacateiro trazido pelas abelhas, beija-flores, borboletas e outros animais, ela fica polinizada e começa a gerar um fruto, que é o abacate. Quando o óvulo da mulher recebe uma semente do homem ele fica fecundado e a mulher começa a gerar um fruto que é um bebê.

- O abacateiro para em pé porque tem um tronco, uma madeira em seu interior que o mantém em pé e sustenta o seu peso. Nós paramos em pé porque temos os ossos. Os ossos nos seguram e sustentam o nosso peso. A madeira do abacateiro é como os nossos ossos.

- Viu quanta semelhança? O abacateiro é nosso irmão ou não?

- Puxa, vô! Pensando nisto tudo acho que sim! Mas, só falta o senhor falar que o abacateiro tem sentimentos, cérebro e coração também! Perguntei, desafiando vovô.

- Carlinhos, uma espécie de coração ele tem sim. A seiva é empurrada para a parte de cima por movimentos de contração da planta, que é o mesmo que o coração faz. Muitas pessoas acham que as plantas têm sentimento. Você nunca viu na televisão reportagens de plantas que se desenvolvem mais quando os donos conversam com elas? Agora, cérebro eu ainda não descobri onde fica. Mas, será que uma árvore não tem cérebro mesmo? Finalizou meu avô rindo.

Eu só sei que, depois desta explicação do meu avô, eu comecei a olhar para todas as árvores com muito mais respeito e consideração do que antes. Nossa! Quanta semelhança entre uma árvore e um ser humano, não

é mesmo? Encerrando esta comparação entre uma árvore e um ser humano, o meu avô, pegando algo no chão disse:

- Carlinhos, você está vendo este caroço de abacate? Veja que maravilha da natureza! Nesta grande semente, em forma de bola, estão gravados todos os caracteres de um futuro e frondoso abacateiro. Este caroço representa o milagre da criação e da multiplicação do abacateiro. Entretanto, para que isto se torne realidade, ele precisa ser plantado e geminar. Por que você não o planta?

- Eu, vô? Eu nunca plantei nada! Respondi.

- Então, esta é uma grande oportunidade. Você pode plantar árvores pelos mais variados motivos. Um deles, por exemplo, em homenagem às pessoas que você gosta e que quer se lembrar por toda a vida!

- Vô, então eu vou plantar este caroço de abacate em sua homenagem! Como devo fazer? Respondi.

- Pegue um saquinho vazio de leite e coloque terra dentro. Depois, você faz um buraco no centro do saquinho e enterra o caroço de abacate. Pronto! Agora é só regar com um pouco de água uma vez ao dia e esperar!

Eu fiz conforme o vovô falou e foi uma experiência muito boa. Após algumas semanas, uma pequena e frágil haste nasceu do meio do caroço, e foi crescendo. E folhas começaram a nascer ao redor da haste. Era um pequeno pé de abacate que ganhava vida.

Depois de algumas semanas, já bem crescido, eu plantei ao lado do velho abacateiro.

Depois brinquei com vovô:

- Vô, o velho abacateiro é o senhor. O novo sou eu!

Ele riu. Todos os dias eu acompanhava o crescimento do jovem abacateiro. Meu avô incluiu o pequeno abacateiro em seu passeio diário pelo quintal.

Em outro dia de preguiça, à tarde, quando não tinha nada para fazer, procurei por vovô para companhia e ver o que ele estava fazendo na oficina.

- Vô, podemos ouvir mais algumas fábulas esta noite? Hoje é sexta-feira e amanhã eu não tenho aula. Assim, posso ouvir mais fábulas!

- Está bem, combinado. Eu vou separar cinco fábulas desta vez para contar para você à noite. Estamos combinados?

- Combinado, vô!

Com os olhos acesos de curiosidade, eu ouvi naquela noite as cinco fábulas que vovô marcou em seu caderno:

- Carlinhos, a primeira é a fábula do galo e a pérola:

Como fazia todos os dias, o galo andava pelo terreiro do sítio onde morava procurando por comida. O galo esgravatava no chão para achar migalhas de restos de comida, sementes, bichinhos e tudo o que pudesse servir de comida.

Para sua surpresa, quando esgravatava perto de uma árvore o galo achou uma linda pérola. Após bicar a pérola, o galo exclamou:

- *Se um joalheiro tivesse achado esta pérola com certeza lhe daria um bom valor! Mas, para mim, para que ela serve? Eu não como pérolas! Eu teria tido mais sorte se encontrasse uma migalha de pão ou alguns grãos de milho!*

Após dizer isto, o galo foi embora em busca do alimento que tanto precisava naquele dia.

Moral da história: As pessoas ignorantes, que desprezam os ensinamentos e a lição moral que se escondem nas fábulas, agem exatamente como agiu o galo - buscam coisas sem valor para suas vidas, como se fossem migalhas inúteis.

- Muito bem, Carlinhos. Vamos à segunda fábula! É a fábula do cão e a carne.

Um cão encontrou um bom e delicioso pedaço de carne. Imediatamente, o cão abocanhou o pedaço de carne com firmeza para levá-lo para sua casa. Sua casa ficava do outro lado do rio. Assim, o cão teria que atravessar o rio a nado, algo que para ele era muito fácil. Cães nadam com muita facilidade.

Ao atravessar o rio, o cão viu o reflexo da carne na água. E a carne que estava refletida na água como em um espelho, parecia maior do que a carne que ele levava preso em seus dentes. Então, o cão soltou a carne que levava presa em seus dentes para apanhar a carne que via dentro da água. Porém, com a correnteza do rio, a carne verdadeira foi embora rio abaixo e, com ela foi também o seu reflexo na água. Assim, o cão ficou sem uma e sem outra!

Moral da história: Este cão representa aquelas pessoas que, muitas vezes, cobiçam coisas maiores das que já têm, colocando em risco e perdendo o que já tinham. Como diz o ditado, mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

- Podemos ir para a terceira fábula, Carlinhos? A fábula do galo e da raposa?

- Siiimmm, vô!

- Então, vamos lá!

No terreiro da fazenda, um grupo de galinhas, seguindo o galo, procurava por comida. Elas andavam de lá para cá no terreiro, ciscando o chão em busca de bichinhos, graminhas e sementinhas. De repente, o galo viu uma raposa que vinha em direção deles e ordenou:

- *Fujam! Subam na árvore!*

Em cima da árvore, as galinhas e o galo ficaram em uma posição segura e longe do alcance da faminta raposa.

A raposa, porém, vendo que não podia alcançar as galinhas e o galo no alto da árvore, quis usar da astúcia e disse ao galo:

- *Olá, minhas amigas! Vocês podem descer com segurança que acabou de ser proclamada a paz universal entre todas as aves e os outros animais! Portanto, venham! Desçam! Vamos festejar este dia!*

O galo logo percebeu que era uma mentira, mas respondeu dissimulação:

- *Que boa novidade, senhora raposa! Ficamos muito alegres com esta boa notícia! E, veja! Estão vindo três cães e vamos esperar por eles para festejarmos todos juntos!*

A raposa, sem esperar mais, encolheu-se de medo e disse:

- *Receio que os cães ainda não sabem desta novidade e me matem!*

E depressa a raposa se pôs em fuga, deixando as galinhas e o galo em total segurança.

Moral da história: Como sendo este galo, pode se entender um homem ajuizado que, quando outro o quer enganar com falsas palavras, ele finge acreditar, dissimula e com palavras brandas se defende. A pessoa falsa, que se depara com um homem que reconhece a falsidade, quase sempre cai na própria armadilha que armou.

- *Carlinhos, posso ir para a quarta fábula da noite?*

Bocejando, demonstrando que o sono aos poucos estava chegando, Carlinhos respondeu:

- *Pode, vô! E qual é esta fábula?*

- *É a fábula da rã e do touro.*

Um grande touro pastava junto a um lago, caminhando de lá para cá à procura de grama verdinha e saborosa para comer. A rã observava o touro de dentro do lago e cheia de inveja disse:

- *Que belo animal, grande e forte! Eu gostaria de ser tão grande como este touro!*

Assim, a rã começou a comer muito e inchar-se de vento e perguntava às outras rãs:

- *Eu já estou grande como o touro?*

As outras rãs respondiam que não. A rã voltou a comer mais ainda e fazer mais força para inchar-se de vento.

- *E agora, já estou do tamanho do touro?*

As outras rãs disseram que, ainda, faltava muito para ela se igualar ao touro. Então, a rã fez um esforço tão grande para aumentar o seu tamanho que veio a explodir, vítima da cobiça de ser grande como o touro.

Moral da história: A rã mostra nesta fábula o homem ambicioso que quer se igualar com outro rico, quer na sua forma de vestir, como o seu nível de despesas. Assim, gasta o que tem e o que não tem e chega a consumir além de suas posses, até que se arrebenta em muitas dívidas, que o levam a ter grandes problemas e prejuízos. É um aviso a todos os homens que sendo 'rãs' nas posses, não queiram gastar como 'touros', caso contrário vão se arrebentar como a rã desta fábula.

- Bem, Carlinhos! Chegamos a nossa quinta fábula da noite. Você quer deixar para outro dia e dormir?

- Não, vô. Vamos terminar as fábulas desta noite. Depois desta, eu quero dormir sim! Eu respondi, procurando esconder do vovô os meus sucessivos bocejos de sono.

- Muito bem, a última fábula que escolhi para esta noite é das árvores e o machado.

Um machado de aço bem afiado, faltando-lhe o cabo, via-se impedido de fazer o seu trabalho, que era o de cortar. As árvores disseram então à cerejeira que lhe desse o cabo. E logo que o machado ficou completo com o cabo, um homem começou destruir as árvores para fazer madeira, usando o machado.

Então, a cerejeira disse ao jequitibá:

- *A culpa é nossa, que demos cabo ao machado para nosso mal! Se não tivéssemos dado um de nossos galhos para fazer o seu cabo, nós estaríamos seguras e não precisaríamos ter medo do machado.*

Moral da história: Quem vir que o seu adversário está incapaz de lhe fazer mal, não lhe dê condições para que ele se torne capaz e nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude é perdoar ao inimigo, mas idiota é quem, além de lhe perdoar, o favorece tanto que depois ele possa prejudicá-lo.

Carlinhos aproveitou a oportunidade para esclarecer com seu avô uma dúvida que tinha:

- Vô! O senhor disse que as fábulas nos seus textos originais têm uma redação um pouco mais difícil para as crianças entenderem. Assim, o senhor simplificou os textos originais para poder contar as fábulas para minha mãe, quando ela era criança. O senhor disse, também, que manteve integralmente a ideia original da fábula e o moral da história.

- É verdade, Carlinhos! Eu disse exatamente isto!

- Mas, vô. Eu não entendi muito bem isto!

- Carlinhos, quer um exemplo para você entender melhor? Veja a fábula das árvores e o machado, conforme escrita em seu texto original.

Um machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, via-se impedido de cortar. As árvores disseram então ao zambujeiro que lhe desse o cabo. E logo que o machado ficou encavado, um homem começou com ele a fazer madeira e a destruir o arvoredo.

Disse então o sobreiro ao freixo:

— A culpa é nossa, que demos cabo ao machado para nosso mal, porque, se não lho déssemos, seguras poderíamos estar em relação a ele.

Moral da história: Quem vir o seu contrário incapaz de lhe fazer mal, não o habilite nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude é perdoar ao inimigo, mas parvo é quem, além de lhe perdoar, o favorece tanto que depois possa com pouca ajuda matá-lo.

- Carlinhos, se você comparar os textos simplificados que o vovô preparou com os textos originais desta fábula, poderá entender melhor o trabalho de simplificação que o vovô fez!

Como Carlinhos não respondia, o vô Eduardo disse baixinho:

- Carlinhos, Carlinhos! Ele adormeceu! Bem, é normal que crianças durmam quando se conta histórias para elas à noite. Boa noite, meu neto! Durma na paz de Deus! Outro dia, voltamos a falar sobre a simplificação dos textos das fábulas que eu contava para sua mãe.

Eu só fui saber o final das explicações do vovô sobre a simplificação da última fábula no dia seguinte, quando pedi para o meu avô repetir a parte que eu perdi quando cai no sono!

Meus pais começaram a sentir uma diferença positiva no comportamento de meu avô. A atenção que eu estava dando para ele o estava motivando e fazendo com que ele se sentisse útil. Assim, ele se lembrava de seu passado com alegria.

À noite no jantar, voltamos a falar de vovô. Quando meu avô se retirou da mesa, meu pai reconheceu:

- Carlinhos, você nos ensinou uma coisa que estava passando despercebido para mim e sua mãe - a atenção que meu pai ainda merecia e estava carente e nós não estávamos dando. Com esta vida louca que se vive no dia-a-dia, deixamos de notar sua presença. Ele parecia uma pessoa fraca e quieta que queria somente descanso e isolamento. E isto não era verdade. Eu e sua mãe queremos lhe agradecer por isto!

Eu fiquei contente e orgulhos com o elogio de meus pais. Uma tarde, o vi sentado no banco da varanda. Ele olhava fixo para os passarinhos, que se fartavam com as bananas, os pedaços de mamão e os montinhos de quirera de milho que colocara no comedouro. Quando me aproximei, ele tomou a iniciativa da conversa.

- Carlinhos, bom dia! Dormiu bem? Já tomou café?

Eu respondi as três perguntas, acenando a cabeça três vezes.

- Veja que interessante! Quando eu comecei a alimentar os passarinhos, vinham somente rolinhas e pardais. Hoje já são mais de 10 espécies de pássaros que se alimentam aqui, como o Bem-te-vi, Sabiá, Sanhaço, Tico-Tico, Tuim e outros que eu não sei o nome. Tem um todo pretinho pequeno, outro com a asa marrom e o corpo amarelo.

Com meu avô eu aprendi respeitar as plantas como nossas irmãs e amar os animais!

Uma manhã, saindo com vovô para dar um passeio pelo parque, eu perguntei:

- Vô, o senhor disse um dia que as fábulas são educativas sempre. Mas, nem sempre, são divertidas. E que as fábulas, muitas vezes, são até trágicas.

- Sim, é verdade. Eu disse isto mesmo!

- Mas, o que o senhor quis dizer com isto? Por que algumas fábulas são trágicas?

- Carlinhos, muitas fábulas contam histórias que são verdadeiras tragédias, com mortes e ferimentos graves nos personagens animais. Mas, sempre com o objetivo de causar um impacto e transmitir uma lição educativa.

- Bem, vô. Eu não chego a entender bem isto!

- Carlinhos, vamos fazer o seguinte. Eu vou selecionar algumas fábulas que contam histórias com tragédias para você entender melhor. Mas, não vou contar estas fábulas à noite, não!

- Combinado, vô. Mas, vô! As tragédias das fábulas podem ser mais trágicas do que as que as tragédias que eu vejo na televisão?

- Ah, Carlinhos! Você tem cada uma! Mas, você está certo. Todos os dias a televisão mostra dezenas de tragédias. E são até bem mais trágicas do que as tragédias das fábulas! E o que é pior! Muitas delas não transmitem nenhuma lição ou não têm algum moral da história!

Em um feriado, uma tarde que toda a família estava em casa, vovô me convidou para sentar junto dele no banco da varanda. E, enquanto ele via seus passarinhos se alimentar no comedouro, ele me contou mais algumas fábulas.

- Bem, Carlinhos! Eu vou contar algumas fábulas onde os personagens procuravam transmitir lições de vida e um moral da história, através de histórias trágicas. Elas são consideradas trágicas porque um ou mais personagens são mortos ou feridos por outros personagens.

- A primeira é do lobo e o cordeiro.

Um lobo estava bebendo água num riacho, quando viu um cordeiro que, também, bebia da mesma água, um pouco mais abaixo de onde ele estava.

Logo que viu o cordeiro, o lobo foi ao seu encontro muito bravo e arreganhando os dentes e falou:

- *Como você se atreve a sujar a água que eu estou bebendo?*

Assustado, o cordeiro respondeu humildemente:

- *Eu estou bebendo água mais abaixo de onde você está. Assim, não posso sujar a água que você está bebendo!*
- *E ainda por cima, você responde de uma forma insolente! Retrucou o lobo, ainda mais bravo, completando:*
- *Há seis meses o teu pai me fez o mesmo!*

E o cordeiro respondeu:

- *Nesse tempo, senhor, eu ainda não era nascido, não tenho culpa!*
- *Sim, você tem culpa sim! E você, também, estragou todo o pasto do meu campo! Replicou o Lobo.*
- *Mas, isto não é possível! Eu ainda não tenho dentes! Respondeu o cordeiro.*

O lobo, sem mais uma palavra, saltou sobre o cordeiro e logo o degolou e comeu.

Moral da história: Claramente se mostra nesta fábula que nenhuma justiça nem razões valem ao inocente para livrá-lo das mãos de um inimigo poderoso e desalmado. Há poucas cidades ou lugares onde não haja estes lobos que, sem motivo nem razão, matam o pobre e lhe chupam o sangue, apenas por ódio ou maldade.

- *Vamos para a segunda fábula? A do rato e a rã.*

Um rato desejava atravessar um rio, mas estava com medo, pois não sabia nadar. Pediu, então, ajuda a uma rã, que se ofereceu para levá-lo para o outro lado do rio, desde que ele se prendesse a uma das suas patas.

O rato concordou e, encontrando um pedaço de fio, prendeu uma das suas pernas à rã. Mas, mal entraram no rio, a rã mergulhou, tentando afogar o rato. Este, por sua vez, debatia-se com a rã para se manter à superfície. Estavam os dois nesta luta e já estavam muito cansados, quando passou por cima um gavião. O gavião, vendo o Rato sobre a água, baixou

sobre ele e levou-o nas garras juntamente com rã. Ainda no ar, o gavião comeu o rato e a rã.

Moral da História: Na atitude da rã e em sua morte, se pode ver um exemplo do castigo que ganham os maus, quando atraíam aqueles que neles confiam. Os que agem com maldade quase sempre recebem o mal que desejou aos outros. E se um inocente morre, não escapam os maus do castigo merecido. Mesmo que os maus se livram do castigo em vida, cairão depois da morte num castigo ainda mais temível.

- O terceiro exemplo de fábula trágica é a do leão, a vaca, a cabra e a ovelha.

Um leão, uma vaca, uma cabra e uma ovelha combinaram caçar juntos e repartirem o produto da caça. Acharam, então, um veado. Depois de correrem muito atrás do veado, conseguiram matá-lo.

Chegaram todos cansados e, ambiciosos pela caça que tinham acabado de matar, dividiram a presa em quatro partes iguais.

O leão tomou uma parte e disse:

- *Esta parte é minha conforme o combinado.*

A seguir pegou outra parte e acrescentou:

- *Esta, também, me pertence por ser eu o mais valente de todos. O leão pegou a terceira parte e disse:*

- *Esta, também, é para mim, pois sou o rei de todos os animais. Em seguida, advertiu:*

- *E quem mexer na quarta parte, considere-se por mim desafiado.*

Assim, o leão levou todas as partes e os companheiros da caçada acharam-se enganados e afrontados. Entretanto, nenhum deles ousou em enfrentar o leão, com medo de serem devorados, também.

Moral da história: Parceria e amizade dão certo se forem entre iguais porque, quem faz parceria ou amizade com um mais poderoso, torna-se seu escravo e terá que lhe obedecer ou perderá, pelo menos, a amizade. O trabalho é sempre do mais fraco e a honra e proveito do mais poderoso.

- Carlinhos, ouça mais esta fábula, a da raposa e do leão. Como eu disse, todas elas contam histórias trágicas para transmitir uma lição de vida, um moral da história!

O leão, fingindo que estava doente, recebia a visita dos outros animais da floresta. E todos os animais que entravam no seu covil para visitá-lo, o leão não os deixava sair. Eles obedeciam ao leão por ser o rei dos animais.

Mas, o leão comia todos eles, um a um. Por fim chegou a raposa à porta do covil e perguntou ao leão como ele estava de saúde.

E o leão respondeu:

- *Por que não a amiga raposa na entra para me ver.*

Astuta e desconfiada, a raposa respondeu:

- *Amigo leão, eu creio que isto não é necessário! Vejo que sua casa deve estar cheia de animais! Vejo muitas pegadas dos animais que entraram e nenhuma dos que saíram.*

Moral da história: Não devemos seguir os vícios dos outros para não ter os mesmos castigos e sofrimentos. Esta fábula nos serve de aviso, pois vemos, por experiência, os males que incorrem os homens imprudentes incautos, que perseveram em seus erros. Fugamos nós, como fez esta raposa, de seguir as pegadas destes homens imprudentes para que não nos aconteça os mesmos males.

- Bem, Carlinhos. Chega de fábulas por esta tarde! Já está começando a anoitecer! Você entendeu o lado trágico destas fábulas?

- Sim, vô! Apesar de ficar com pena dos vários animais que foram mortos ou feridos, eu entendi que eram personagens criados apenas para nos dar algumas lições de vida. Como o senhor diz, transmitir um moral da história!

Eu possa afirmar que o meu avô se tornou o meu melhor amigo. Conversávamos sempre sobre os meus problemas e sempre tive nele as melhores orientações. Eu sempre encontrei em vovô uma palavra sábia e confiável para as minhas dúvidas e meus problemas de relacionamentos com meus amigos, problemas na escola, algo que eu não compreendia e tinha curiosidade de saber.

Eu adorava ouvir as fábulas contadas do jeito que só vovô sabia contar. Eu aprendia com as lições de vida e o moral da história que os personagens transmitiam.

Várias histórias que eu já ouvira antes eram fábulas e eu não sabia!

Um dia eu perguntei para meu avô quais eram as fábulas mais conhecidas. E ele me disse:

- Carlinhos, várias fábulas se tornaram conhecidas no mundo todo e são muito conhecidas. Uma delas é a fábula da formiga e a cigarra, que eu já contei, lembra-se?

- Sim, vovô! Eu me lembro dela muito bem!

- A partir desta noite, eu vou contar para você algumas das fábulas mais conhecidas. Você quer?

- Oh, vovô! O senhor ainda pergunta? Claro que eu quero!

As noites que se seguiram foram de mais oportunidades para eu ouvir e estar em contato com vovô. Ele me contou as fábulas consideradas mais populares. Ele disse que, raramente, se encontra um adulto ou uma criança que não tenha ouvido estas fábulas antes.

Eis as fábulas que vovô contou para mim:

A raposa e as uvas

Andando pelos campos, uma raposa se deparou com uma parreira carregada de uvas maduras e deliciosas. E ficou com muita vontade de saborear as uvas.

Mas, como a parreira era alta, a raposa fez várias tentativas para alcançar os cachos de uvas. Ela pulava daqui e dali, dava a volta ao redor da parreira. Mas, por mais que tentasse, não conseguia alcançar as tão desejadas uvas.

Então a raposa disse:

- *Estas uvas estão verdes e muito azedas e podem manchar os meus dentes! Desta forma, eu não gosto e não quero mais colher estas uvas!*

E, dito isto, a raposa foi-se embora.

Moral da história: Algo que não se pode alcançar deve-se não desejar! Muitas vezes, uma pessoa encobre sua falta e desgosto para não dar gosto a quem lhe quer mal, nem desgosto a quem lhes quer bem. Outra lição que fica é que uma pessoa pode mostrar desprezo por algo que desejava, mas que não conseguiu obter. Ou para encobrir a inveja que sente de alguém por um sucesso que ele próprio não conseguiu alcançar.

A lebre e a tartaruga

A lebre costumava zombar da tartaruga por ela ser tão lenta.

- *Você, alguma vez, consegue chegar ao seu destino? Perguntou a lebre, zombando da tartaruga.*
- *Sim! E chego mais depressa do que você imagina! Quer apostar uma corrida comigo para eu mostrar como sou mais veloz que você? Respondeu a tartaruga.*

A lebre achou graça do desafio da tartaruga, e, para se divertir, resolveu aceitar. A raposa, escolhida para ser a juíza da corrida, estabeleceu a distância, alinhou os corredores e deu o sinal de partida.

Em pouco tempo, a lebre ficou longe da vista da tartaruga e, para demonstrar o ridículo do desafio, deitou-se para dormir um pouquinho até que a tartaruga a alcançasse.

Entretanto, de forma lenta, mas persistentemente, a tartaruga ultrapassou o local onde a lebre dormia profundamente e foi-se aproximando da linha de chegada.

Quando acordou, a lebre viu que a tartaruga estava já muito perto da linha de chegada e começou a correr o mais depressa que podia, tentando ainda ultrapassá-la, mas não conseguiu.

Assim, a tartaruga ganhou a corrida.

Moral da história: Não raras vezes, uma pessoa pode superar sua falta de competência em algum aspecto através do esforço e da persistência. Outra lição, uma pessoa com grande capacidade, mas que se acomoda e se coloca arrogantemente em uma posição superior e com excesso de

confiança, pode ser superado por outra pessoa de menor capacidade, mas com grande disciplina e persistência em seus esforços.

O agricultor e os seus filhos

Um rico e idoso agricultor, que sabia não ter já muitos dias de vida pela frente, chamou os filhos à beira do seu leito de morte e disse-lhes:

- *Meus filhos, prestem atenção ao que tenho para dizer a vocês. Quando eu morrer, não dividam a fazenda que, por muitas gerações, tem pertencido à nossa família. Em algum lugar nos campos da fazenda está enterrado um valioso tesouro. Não sei o local exato, mas o tesouro está lá e, com certeza, vocês o encontrarão. Façam todos os esforços na busca do tesouro e não deixem nenhum ponto do terreno sem escavar. Para não cavar no mesmo lugar, marquem os buracos feitos com grãos de milho.*

Pouco tempo depois, o velho homem morreu, e logo que ele foi sepultado, os filhos começaram o seu trabalho de busca do tesouro, cavando e revirando cada pedaço de terra da fazenda com as suas pás e os seus fortes braços, dando a volta ao terreno duas ou três vezes. Como seu pai havia recomendado, a cada buraco feito na fazenda eles marcaram com alguns grãos de milho.

Nenhum tesouro foi encontrado. Mas, quando chegou o tempo da colheita, se sentaram para ver quanto tinham ganhado e descobriram que haviam lucrado mais do que todos os seus vizinhos. Perceberam, então, que o tesouro de que o pai lhes falara era a abundante colheita de milho e que, com os seus esforços, haviam encontrado o verdadeiro tesouro.

Moral da história: Os verdadeiros tesouros se encontram através do trabalho árduo e esforços constantes e não se esperando pela sorte.

A galinha dos ovos de ouro

Era uma vez um agricultor que era dono da galinha mais extraordinária que se possa imaginar: todos os dias a ave punha um ovo de ouro.

O agricultor levava os ovos ao mercado e começou a enriquecer. Mas, não demorou muito para que o agricultor se tornasse impaciente com a galinha, pois esta só punha um ovo por dia. Sentia que não estava a enriquecer com rapidez suficiente.

Então, um dia, depois de ter acabado de contar o dinheiro, teve a ideia de que poderia obter os ovos de ouro todos de uma vez se matasse a galinha e tirasse os ovos de ouro de dentro dela. Mas, quando levou esta ideia adiante, descobriu que, por dentro, a galinha era igual a qualquer outra e que, agora, a galinha já não poria mais ovos de ouro.

Moral da história: O ganancioso quase sempre é vítima de sua própria ganância.

O lobo em pele de cordeiro

Certo dia, um lobo decidiu alterar a sua aparência como estratégia para conseguir comida fácil e com fartura. O lobo vestiu uma pele de cordeiro e acompanhou o rebanho para o pasto, enganando o pastor com o seu disfarce.

Ao fim da tarde, o pastor fechou o lobo no curral com o resto das ovelhas. Mas, por querer carne para a sua refeição do dia seguinte, à noite o pastor regressou ao curral e, confundindo o lobo com uma ovelha, apanhou-o e matou-o.

Moral da história: Quem usa de esperteza para enganar os outros e obter vantagens indevidas, acaba, mais tarde ou mais cedo, castigado e sendo vítima de suas próprias artimanhas.

A reunião dos ratos

Os ratos resolveram se reunir para planejar uma forma de se livrarem do seu pior inimigo, o gato. Desejavam, pelo menos, descobrir uma forma de saberem, com antecedência, quando o gato estava por perto, a fim de terem tempo de fugir.

Na verdade, algo teria de ser feito pelos ratos, pois viviam constantemente com medo de serem capturados nas garras do gato.

Muitas ideias foram apresentadas, mas nenhuma delas parecia suficientemente boa. Por fim, o rato mais jovem levantou-se e disse:

- Tenho um plano muito simples, mas tenho a certeza que terá sucesso! Tudo o que teremos de fazer é pendurar um sininho no pescoço do gato. Assim, ao ouvirmos o tilintar do sino, saberemos que o nosso

inimigo está se aproximando. Todos os ratos ficaram surpreendidos por não terem pensado nisso antes.

Mas, contrariando o entusiasmo reinante, um velho rato disse então:

- Meus amigos, acho que o plano do jovem rato é realmente muito bom. Mas deixe-me fazer uma pergunta: quem entre nós prenderá o sininho no pescoço do gato?

O silêncio foi total e nenhum rato se apresentou para esta tarefa.

Moral da história: É muito mais fácil alguém dizer como os outros devem fazer do que ele próprio fazer!

O velho, o rapaz e o burro

Um dia, há muito tempo, um velho e o filho resolveram ir mercado vender o burro que tinham. Seguíam a pé, pois achavam que venderiam melhor o burro se ele chegasse descansado ao mercado.

No caminho, cruzaram com alguns viajantes, que começaram a zombar deles:

- Olhem aqueles dois tolos! Eles têm burro e vão a pé! O mais esperto dos três é o próprio burro!

O velho não gostou que zombassem dele e disse ao filho para montar no burro. Um pouco mais adiante passaram por três mercadores.

- Mas, vejam o que temos aqui! Respeita os mais velhos, meu jovem. Desmonta e deixa o teu pai ir montado no burro, que já é muito velho para ir a pé!

Embora ainda não estivesse cansado, o velho mandou o filho desmontar do burro e ele montou no burro. Andaram um pouco mais até que encontraram um grupo de mulheres, que também ia para o mercado com cestos de hortaliças para vender.

- Olhem para este velho! A pobre criança vai a pé e ele montado no burro!

O velho sentiu-se envergonhado, mas para se mostrar agradável pediu ao filho que montasse atrás dele no burro. O rapaz obedeceu e continuaram a viagem com os dois montados no burro. Um pouco mais adiante, um grupo de pessoas interpelou-os com indignação:

- *Mas que crime vocês dois estão fazendo? Será que estão querendo matar o burrinho? Parece que vocês são mais capazes de carregar o pobre burro do que ele carregar vocês dois!*

O velho e rapaz não tardaram a desmontar do burro. E, após certo tempo, resolveram carregar o burro em suas costas. Quando estavam quase chegando ao mercado, gerou-se um enorme tumulto entre as pessoas ao verem os dois carregando o burro amarrado num pau que transportavam de ombro a ombro. Juntou-se uma multidão para observar tão estranha cena.

- *Olhem aqueles dois! Eles parecem mais burros do que o burro! Tendo um burro tão forte, ao invés de montarem no burro eles carregam o burro nas costas!*

Moral da história: Muitas vezes temos os nossos planos fracassados por querer agradar a todos.

E assim seguia minha vida com vovô.

Os anos se passaram. O velho abacateiro estava muito doente, com vários galhos podres que já não tinham folhas, nem produziam mais abacates. Ao seu lado, o abacateiro que eu plantei em homenagem ao meu avô, crescia forte, elevando-se às alturas.

Eu fui crescendo, meu avô envelhecendo mais ainda, eu saía muito da casa para estudar e meus encontros com vovô diminuíram. Quando voltava, o vovô já estava dormindo, cada vez mais cansado pelo peso da idade.

Ele, igualmente, foi se recolhendo em sua solidão cada vez mais, suas atividades na oficina ou no jardim já não eram com a mesma intensidade.

Vovô costumava falar com frequência a seguinte frase:

- Com sua experiência e sabedoria você irá até certo ponto, dentro de certo tempo, na conquista de seus sonhos e ideais. Mas, se você

aprender a somar a experiência e sabedoria dos mais velhos, você irá mais longe e em menor tempo.

Esta é a história do dia em que conheci meu avô e que marcou para sempre a minha vida.

Vovô já tinha dificuldades para ler e falar.

Um dia, ele me chamou na oficina de casa e disse:

- Carlinhos, fique com o meu caderno de fábulas. Ele não tem mais serventia para mim. Guarde-o com carinho. Um dia, ele poderá lhe ser útil para contar fábulas para os seus próprios filhos!

Eu peguei o velho caderno de fábulas do vovô e prometi guardá-lo com muito carinho por toda minha vida.

No quintal, o velho abacateiro morreu. Mas, em seu lugar, o abacateiro que eu plantei está grande e produzindo gostosos abacates.

Após o meu dia de estudos, eu procuro o conforto do abacateiro. Eu permaneço sentado à sua sombra por alguns minutos, calado, com os olhos voltados para o passado. E percorro em meus pensamentos as fábulas que eu ouvia de meu avô.

Eu guardei o precioso tesouro dado pelo meu avô e o encadernei com uma maravilhosa capa. O caderno de fábulas de vovô foi guardado na prateleira de livros de meu quarto.

Sempre que tenho uma oportunidade, eu leio estas fábulas novamente.

Com o meu avô eu aprendi a importância de se ter uma família. Agora, eu olho para o meu pai, minha mãe e minha irmã com outros olhos. Entendo que eles me dão atenção e carinho. Mas, esperam que eu, também, lhes dê atenção e carinho.

Assim, eu me interesso mais pelos assuntos de meu pai. Agradeço o trabalho que minha mãe tem comigo. Brinco com minha irmã, sabendo que um dia ela vai ficar adulta, se casar e sair de casa.

FIM